COMFILOTEC

**Revista da Graduação da**
**Faculdade Paulus de Comunicação - FAPCOM**
ANO 12 | VOL. 12 | FLUXO CONTÍNUO | 2026 |ISSN: 2446-5569

# Inteligência Artificial, Subjetividade E Adolescência:

*Relações Humanas Em Tempos de IAs*

Luana Larrosa Dias[1]

Marcella Schneider Faria-Santos[2]

**Resumo**
Este artigo analisa como os adolescentes usam a Inteligência Artificial, especialmente o ChatGPT, como apoio emocional. A pesquisa buscou realizar uma primeira exploração sobre o uso do ChatGPT por adolescentes como possível ferramenta de apoio emocional. Para isso, além da pesquisa bibliográfica, foi realizada uma pesquisa empírica de abordagem qualitativa, por meio de um questionário on-line. Com autorização da direção da escola e com os cuidados éticos de pesquisa com seres humanos, incluindo garantia de sigilo e anonimato, foram levantados dados de 29 estudantes do ensino médio, com idades entre 14 e 19 anos. Os resultados mostram que 62,1% usam o ChatGPT algumas vezes por semana e que muitos confiam em suas respostas. Além disso, 65,51% já usaram a ferramenta para falar sobre questões emocionais. Apesar de 51,72% ainda preferirem conversar com pessoas, 27,59% afirmam que é mais fácil conversar com a IA porque não se sentem julgados. Assim, o ChatGPT pode oferecer apoio emocional, mas seu uso frequente pode dificultar o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais importantes para as relações humanas.

**Palavras-chave:** Inteligência Artificial; Adolescência; Subjetividade; IA Generativa; Chat GPT;

## 1. Introdução

Este artigo tem como objetivo acadêmico realizar uma primeira aproximação com o campo de estudo das relações entre inteligências artificiais generativas, subjetividade e adolescência, reconhecendo que se trata de um conceito complexo e novo, com a interferencia de vários estudos. A pesquisa foi feita como uma primeira exploração bibliográfica e empírica, com a intenção de contribuir para a conversa do problema e ajudar nos estudos futuros. A etapa de pesquisa foi realizada por meio de um questionário estruturado on-line, aplicado via Google Forms, a 29 estudantes do ensino médio, com idades entre 14 e 19 anos, oriundos de escolas públicas e privadas e selecionados por conveniência, respeitando os parâmetros éticos de pesquisa com seres humanos. Buscamos compreender suas percepções, frequências de uso e experiências de interação com o ChatGPT, especialmente em situações relacionadas ao apoio emocional e ao desabafo.

O uso de Inteligências Artificiais (IAs) no dia a dia tem se tornado cada vez mais frequente. Desde algoritmos que escolhem as músicas até assistentes virtuais que ajudam com ferramentas de geolocalização, esse tipo de tecnologia cada vez mais faz parte da vida das pessoas. Porém, esse tipo de tecnologia também tem sido usado de outras formas que chamam a atenção: o uso de Chatbots[1] como o ChatGPT[2], como forma de apoio emocional, principalmente entre adolescentes.

Nesse contexto, surge a pergunta: Qual o papel que esse tipo de tecnologia está assumindo no desenvolvimento emocional dos jovens? É possível afirmar que essas IAs estão criando uma sensação de acolhimento e intimidade que imita uma relação real, mas que não cumpre realmente o papel das verdadeiras relações, o que pode contribuir para o enfraquecimento dessas relações e aumentar a sensação de solidão do indivíduo?

A hipótese é que a interação excessiva com a IA representa um novo tipo de introspecção, no qual o indivíduo projeta seus sentimentos em um sistema que devolve respostas positivas, mas que não apresenta a complexidade e os conflitos típicos das relações humanas. Esse tipo de validação constante pode trazer conforto no curto prazo, porém levanta questionamentos sobre o desenvolvimento emocional e a capacidade de lidar com frustrações no mundo real.

Diante disso, a proposta é analisar essas questões a partir de referências teóricas da comunicação, da psicologia e da neurociência, buscando entender como o uso dessa ferramenta tem afetado a vida social e sensação de solidão dos jovens.

## 2. Inteligência Artificial (IA)

Segundo Martha Gabriel em sua palestra no TEDx Talks “Inteligência Artificial: do zero a superpoder humano" (2024) A Inteligência Artificial no meio acadêmico e científico tem um marco inicial bem definido: a Conferência de Dartmouth, em 1956, quando pesquisadores criaram o termo “Inteligência Artificial” e propuseram que aspectos da inteligência humana poderiam ser

[1] Chatbots: programas de computador que simulam conversas humanas por texto ou voz, usados para responder perguntas, atender clientes ou automatizar interações.

[2] ChatGPT: ferramenta de inteligência artificial generativa desenvolvida pela OpenAI e lançada em novembro de 2022. Baseada em modelos de linguagem de grande escala (LLMs), utiliza linguagem natural para conversar, responder perguntas, gerar e analisar textos e auxiliar em diversas tarefas.

descritos de forma precisa a ponto de serem reproduzidos por máquinas. A partir desse ponto, diferentes abordagens passaram a orientar o desenvolvimento da área.

Para entender por que ferramentas como o ChatGPT parecem tão "humanizadas", é importante considerar duas principais linhas que moldaram a evolução da IA. Gabriel (2024) também descreve em sua palestra essas linhas sendo a primeira o simbolismo, também conhecido como programação de máquinas, que foi a forma inicial de desenvolvimento da inteligência artificial. Nesse modelo, o funcionamento se baseia em regras definidas pelos programadores, ele é eficiente para cálculos e problemas lógicos, mas apresenta limitações quando se trata de compreender a linguagem humana de forma mais natural. A segunda abordagem é o conexionismo, ou aprendizagem de máquinas, que sustenta as IAs atuais, nesse caso em vez de seguir regras fixas, os sistemas aprendem a partir de grandes volumes de dados, identificando padrões por meio de tentativas e ajustes, em um processo inspirado no funcionamento do cérebro humano. Isso permite que consigam reconhecer padrões complexos e até simular características como empatia e compreensão.

Dessa forma, chega-se ao cenário atual, em que as inteligências artificiais não apenas executam tarefas programadas, mas também aprendem com as interações e dados, tornando-se cada vez mais eficientes em reconhecer e reproduzir comportamentos humanos.

### 2.1. IAs Generativas:

Para compreender essa tecnologia, é importante primeiro entender quem ela é, e o que a controla. Segundo o "Guia para IA generativa na educação e na pesquisa" (2024) as IAs generativas (IAGen) como o ChatGPT são sistemas baseados em grandes modelos de linguagem. Elas são treinadas com volumes massivos de dados para prever a próxima palavra em uma frase, criando a ilusão de um pensamento coerente e empático, diferente das IAs tradicionais que apenas classificam dados, as generativas são capazes de criar conteúdo novo, baseados em padrões de dados coletados. No entanto, apesar dessas IAGen serem capazes dessa produção de novos conteúdos, elas não são capazes de gerar novas ideias, já que não são capazes de realmente compreender relações sociais, apenas padrões produzidos por humanos. Importante ressaltar que

dentro do próprio site da OpenAI é dito: “Embora ferramentas como o ChatGPT frequentemente possam gerar respostas que parecem razoáveis, não se pode confiar que sejam precisas” (2023).

Dentro dos sistemas dessas IAGen também foi usada uma técnica de aprendizado, em que pessoas (programadores) “ensinam” essas IAs a serem mais educadas, chamado “Aprendizado por Reforço a partir de Feedback Humano” (RLHF, na sigla em inglês) é a técnica que treina sistemas de Inteligência Artificial a alinharem suas respostas às preferências, valores e expectativas humanas.

Os “donos” dessas tecnologias têm interesses comerciais claros: manter o usuário engajado pelo maior tempo possível. Quando um jovem desabafa com o ChatGPT, ele está oferecendo dados sobre sua subjetividade, contribuindo para a base de dados da IAGen e se mantendo dentro da plataforma. A “empatia” da máquina, portanto, é um produto desenhado para gerar fidelidade e coleta de dados, o que levanta questões éticas sobre a privacidade e a autonomia emocional dos jovens.

**3. Solidão Conectada e a Fuga da Conversa:**

Uma das vozes significativas para compreender esse cenário é a da pesquisadora Sherry Turkle. Em suas obras “Alone Together” (2011) e “Reclaiming Conversation” (2015), ela apresenta uma base teórica para entender como a tecnologia modifica as relações humanas. A autora desenvolve o conceito de “solidão conectada”, defendendo que, apesar de as pessoas estarem constantemente ligadas por dispositivos digitais, essa hiperconexão muitas vezes enfraquece os vínculos reais. Mesmo quando estão fisicamente próximas, as pessoas podem se isolar em seus próprios mundos digitais, vivendo a experiência de estarem juntas, mas emocionalmente distantes.

Para Turkle (2011), a tecnologia cria uma sensação de companhia sem exigir o esforço que as relações reais demandam. Quanto mais as pessoas se conectam por meio de telas, mais podem sentir falta de vínculos profundos. Busca-se companhia para evitar a solidão, mas o resultado pode ser o oposto, já que a conexão constante dá apenas a impressão de proximidade, sem necessariamente oferecer uma experiência real de vínculo, que segundo Turkle seria a capacidade

de conversar cara a cara com o outro, na qual existe uma certa vulnerabilidade. Para Turkle é necessário haver as partes desconfortáveis das conversas humanas para a formação da empatia, diferente das interações artificiais que não demandam esse esforço. Nas interações digitais, é possível editar mensagens, esconder falhas e mostrar apenas aquilo que se deseja. Isso cria uma zona de conforto que pode dificultar o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais mais complexas, fundamentais para relações humanas verdadeiras. Nesse contexto, os relacionamentos digitais tendem a surgir rapidamente e desaparecer com a mesma facilidade, revelando laços frágeis e uma insegurança que leva à evitação de vínculos mais profundos, como se as pessoas passassem a ser consumidas como conteúdos.

A autora também destaca que é na conversa presencial, com suas pausas, silêncios e exposição genuína, que se aprende a empatia. Ao substituir essa experiência por interações mediadas por telas, existe o risco de perder uma parte essencial da experiência humana.

A ideia de intimidade também se transforma nesse ambiente: compartilhar informações e momentos passa a ser confundido com proximidade, mas visibilidade não significa necessariamente conexão emocional. Assim, uma pessoa pode ser conhecida por muitos, mas compreendida por poucos, já que a exposição não garante profundidade nas relações.

Entre adolescentes, esse fenômeno se intensifica ainda mais. O uso constante de dispositivos cria a expectativa de estar sempre disponível, fazendo com que o silêncio ou a demora em respostas gerem ansiedade. No entanto, Turkle (2011) ressalta que a solidão não deve ser vista como algo negativo, mas como uma condição importante para relações autênticas, pois a capacidade de estar sozinho é essencial para conseguir se relacionar de forma verdadeira com o outro. Mesmo assim, na era digital, estar sozinho em um ambiente conectado tornou-se quase uma etapa necessária para se manter em contato com os demais. Nesse contexto, a inteligência artificial surge como uma alternativa atrativa, oferecendo uma forma de interação que simula intimidade, com disponibilidade constante e ausência de conflitos, o que pode parecer uma solução para a fragilidade dos vínculos humanos e para o sentimento de solidão.

**4. O Consumo de IA pelos Adolescentes:**

Para entender melhor esse fenômeno no Brasil, é importante olhar os dados da pesquisa TIC Kids Online Brasil[3], feita pelo Cetic.br e pelo NIC.br. Os dados mais recentes, de 2023 e 2024, mostram uma mudança clara no comportamento digital de crianças e adolescentes. Pela primeira vez, a pesquisa analisou o uso de Inteligência Artificial generativa e mostrou que cerca de 65% das pessoas entre 9 e 17 anos já usam esse tipo de ferramenta. Esse uso é ainda maior entre adolescentes de 15 a 17 anos.

Os dados também mostram que a IA não é usada apenas para tarefas escolares ou pesquisas rápidas. Muitos jovens utilizam essas ferramentas para estudar e entender conteúdos mais difíceis, economizando tempo. Nesse sentido, pesquisas recentes da Agência Brasil (Emy Education, 2025) confirmam essa tendência, mostrando que 9 em cada 10 jovens dizem que a IA ajuda a reduzir o estresse em períodos de estudo intenso, como provas e trabalhos. Além disso, quase 96% afirmam ter usado a tecnologia para aprender algo novo nos últimos meses, e 86,8% consideram a IA uma ferramenta importante para apoio e respostas rápidas.

Outro ponto importante é o uso da IA para lidar com emoções. Muitos adolescentes usam essas ferramentas para desabafar, pedir conselhos ou simplesmente conversar quando se sentem sozinhos. Esse tipo de uso também aparece em estudos como os de Dilan Mian (2024), que analisam o papel dos chatbots para jovens com autismo ou ansiedade social. Para esses jovens, a IA pode oferecer um ambiente mais controlado, ajudando a reduzir a pressão social e facilitando a prática de interações. Nesse sentido, a IA funciona não só como uma ferramenta, mas também como um tipo de apoio individual em situações sociais e emocionais.
Esse uso costuma ser visto de forma positiva, já que a IA é percebida como um espaço seguro, sem julgamentos e disponível a qualquer momento. Mesmo assim, os jovens também demonstram preocupação: cerca de 60% têm medo de receber respostas erradas, e 35% sentem falta de respostas mais personalizadas para a realidade de suas vidas. Essa presença constante da IA pode influenciar a forma como eles lidam com seus sentimentos e com outras pessoas no dia a dia.

[3] https://cetic.br/pt/pesquisa/kids-online/

**5. A Evolução da Sociabilidade Digital:**

Para conseguir entender o momento atual é necessário compreender os anteriores. A evolução da sociabilidade no ambiente digital passou por transformações drásticas desde os primeiros dias da internet. No final da década de 1990 e início dos anos 2000, as interações eram predominantemente mediadas por ferramentas como o e-mail e os primeiros blogs. Essas plataformas estabeleceram as bases para uma comunicação assíncrona, onde o tempo de resposta era maior e a reflexão sobre o que se escrevia era mais comum. Naquela época, a rede era vista como um espaço de expansão do "eu", mas ainda havia uma separação clara entre o mundo "real" e o mundo "virtual".

Nos dias atuais essa diferença entre mundo real e mundo digital está cada vez menor. Nesse contexto, Luciano Floridi (2015) usa o termo "vida onlife" para explicar uma realidade em que o online e o offline praticamente se unem, vivendo cada vez mais conectados e influenciados pelo meio digital.

A transição para as redes sociais intensificou essa dinâmica. Se antes a internet servia para superar a distância física, hoje ela parece ter criado uma nova forma de distância: a distância emocional dentro da proximidade digital. As redes sociais gerativas trouxeram uma mudança estrutural e material nas tecnologias de comunicação. Como aponta a pesquisadora Raquel Recuero (2009), as redes sociais definem modos de relação que correspondem a uma determinada estrutura social. No caso dos adolescentes, essa estrutura é marcada por uma busca constante por visibilidade e aprovação, o que torna o ambiente fértil para a emergência de novas formas de interação, como o diálogo com inteligências artificiais.

Essa evolução nos trouxe a um ponto onde a tecnologia não apenas facilita a comunicação, mas começa a simular um padrão que copia a própria essência da interação humana: a escuta e a resposta empática.

**6. Chatbots e Intimidade Artificial**

A Inteligência Artificial, especialmente do ChatGPT, surge como um agente que parece escutar sem julgar. Para um adolescente que enfrenta as inseguranças típicas dessa fase da vida,

ter um “interlocutor” que está disponível 24 horas por dia, que responde com paciência infinita e que parece compreender suas angústias, é extremamente atraente. Martha Gabriel, em seu livro "Inteligência Artificial: do Zero ao Metaverso" (2022) fala sobre a IA como um “superpoder humano”, ressalta que essas ferramentas podem ampliar nossas capacidades, mas também exigem um novo nível de consciência crítica.

A IAGen, ao oferecer uma forma de intimidade artificial caracterizada pela ausência de conflitos, pela disponibilidade constante e também pela eliminação de pausas ou silêncios, pode intensificar ainda mais essa dinâmica, criando uma zona de conforto que dificulta o desenvolvimento de habilidades sociais.

Segundo um artigo (2025) da MindStation (Empresa de desenvolvimento Humano) essa zona de conforto é chamada de “bolha de validação”, em que as pessoas se colocam em validação constante e qualquer opinião diferente passa a ser uma soar como uma ameaça. Diferente de um amigo real, que pode discordar, se chatear ou exigir algo em troca, a IA é programada para ser prestativa. Isso cria uma relação na qual o jovem é o centro absoluto da atenção. Embora isso possa ajudar em momentos de crise imediata, a longo prazo pode atrofiar a capacidade de lidar com a alteridade, ou seja, com o fato de que as outras pessoas são diferentes de nós e têm seus próprios desejos e limites.

**7. Subjetividade na Era Digital:**

Para aprofundar mais como a tecnologia influencia a identidade das pessoas é interessante considerar os estudos da Profª Fernanda Bruno em especial seu artigo “Entre Aparecer e Ser: tecnologia, espetáculo e subjetividade contemporânea” (2004) em que Bruno explica que as tecnologias digitais, e aí ela inclui todo tipo de weblogs[4] e webcams[5] dentro da internet, não funciona mais apenas como ferramentas de comunicação, mas também onde indivíduos vivem e moldam suas formas de pensar, sentir e agir dentro desse ambiente. Na era atual das tecnologias a

[4] Weblog:páginas ou diários virtuais atualizados periodicamente, nos quais usuários publicam textos, opiniões, relatos e conteúdos multimídia em ordem cronológica.
[5] Webcams: câmera digital conectada a um computador ou dispositivo móvel que permite a captura e a transmissão de imagens e vídeos em tempo real pela internet.

existência está fortemente ligada a visibilidade dentro dessas redes. Vivi-se em uma época em que ser significa ser visto. Essa exposição cria novas formas de identidade, já que os indivíduos passam a se perceber a partir de curtidas, comentários e métricas, ou seja, pelo olhar dos outros mediado pelas plataformas digitais. Segundo Silva (2021, p.10) "O mundo virtual estimula muito as fantasias, algumas completamente fora do contexto da realidade, podendo contribuir para a alienação total das pessoas com sérios riscos para sua saúde física, mental e social." Essa exposição não é neutra, pois cria novas formas de identidade, já que os indivíduos passam a se perceber a partir de curtidas, comentários e métricas, ou seja, pelo olhar dos outros mediado pelas plataformas digitais. Nesse cenário, a visibilidade e a vigilância tornam-se centrais na construção da identidade. No ambiente digital, há um incentivo constante para que a vida seja exibida, como se fosse um espetáculo.

Esse tema se relaciona com o estudo "O Show do Eu: Subjetividade nos gêneros confessionais da Internet" (2007) de Paula Sibilia, em que o termo "show do eu" é usado quando partes da vida que antes eram privadas passaram a ser compartilhadas publicamente. Ao expor sentimentos e pensamentos nas redes, os limites entre o íntimo e o público se tornam mais confusos, e se determinada área da vida não for compartilhada pode parecer e até deixar de ter valor para esse indivíduo, levando a uma busca constante por validação externa para confirmar a própria experiência interna.

Para esses adolescentes não existe uma separação entre suas vidas dentro das redes sociais e a vida externa, tudo está interligado, sendo assim, para que haja uma sensação de visibilidade real ou imaginada ela deve vir desses dois mundos, o que gera uma fragilidade emocional que pode fazer com que esses jovens queiram procurar ajuda no caminho mais acessível, que nos tempos atuais são as Inteligências Artificiais.

## 8. O ChatGPT como Espaço de Apoio Emocional para Adolescentes

### 8.1. Pesquisa com Alunos do Ensino Médio:

Foi feita uma pesquisa empírica com alunos do ensino médio de 14 a 19 anos, investigando se o ChatGPT contribui como um agente de apoio emocional. Os dados foram analisados com o objetivo de identificar se esses adolescentes consideram se eles mesmos usam ou não a ferramenta

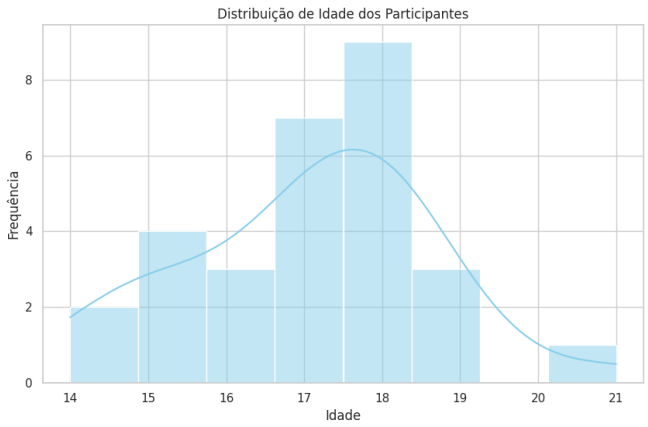
ChatGPT para esses fins.

A pesquisa foi conduzida com uma abordagem qualitativa, utilizando um questionário estruturado online via Google Forms para coletar dados de adolescentes do ensino médio. A amostra contou com 29 indivíduos que foram informados acerca dos termos de uso e privacidade dos dados. Essa amostra foi escolhida por conveniência devido à proximidade com dirigentes e professores das escolas que já possuíam o contato com os adolescentes e foram escolhidos tanto alunos de escola pública quanto privada da mesma região (Capão Redondo, São Paulo/SP). O questionário abordou aspectos como frequência de uso, motivos para a interação, nível de confiança nas respostas da IA, se já utilizaram o ChatGPT para falar sobre questões emocionais e a percepção sobre a facilidade de desabafar com a ferramenta em comparação com pessoas reais.

## 3.2. Resultados da Amostra

A pesquisa contou com a participação de 29 adolescentes, com uma média de idade de 17 anos. A distribuição de idade dos participantes pode ser visualizada no Gráfico 1.

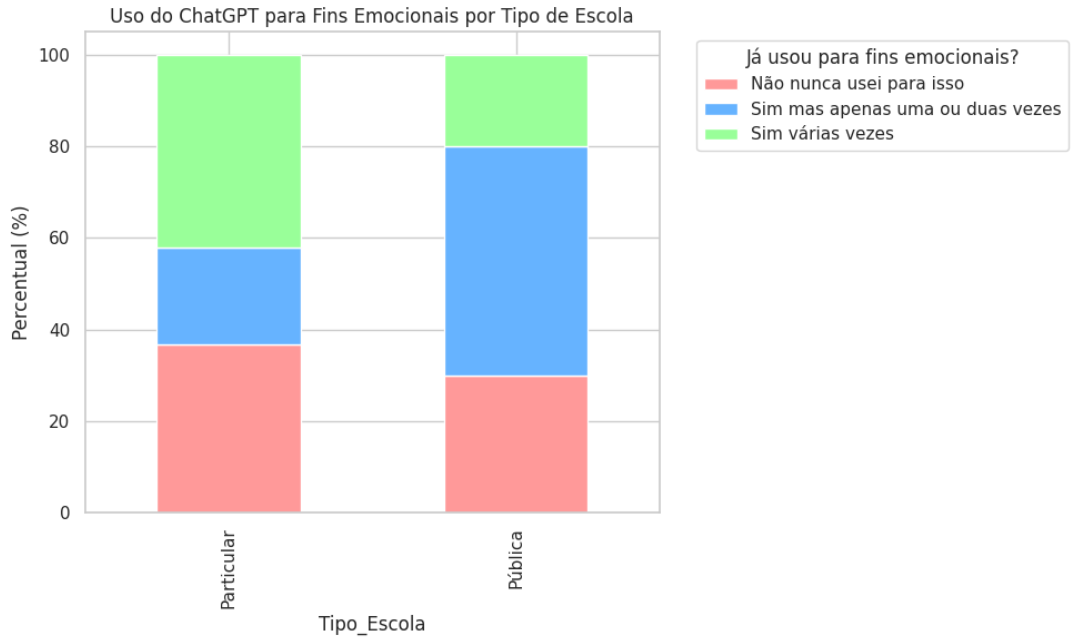
Gráfico 1: Distribuição de Idade dos Participantes




A frequência de uso do ChatGPT entre os adolescentes varia, mas 62,1% afirmou que usa a ferramenta algumas vezes por semana. Os principais motivos para o uso do ChatGPT incluíram tarefas e trabalhos escolares, tirar dúvidas e, em menor proporção, conversar ou desabafar. A confiança nas respostas da IA foi predominantemente positiva, com 75,86% dos participantes

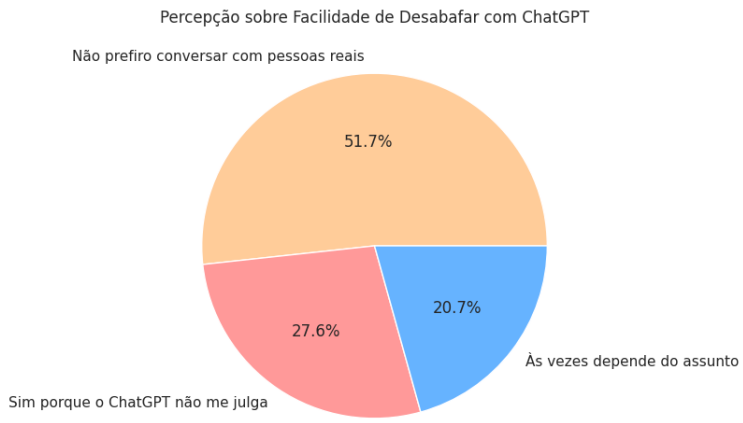
confiando na maioria das vezes e 13,79% confiando totalmente. Em relação ao uso do ChatGPT para fins emocionais, os resultados indicaram que 34,48% dos participantes já o utilizaram várias vezes, enquanto outros 31,03% o fizeram apenas uma ou duas vezes. Uma parcela significativa (34,48%) nunca utilizou a ferramenta para esse propósito. O Gráfico 3 detalha o uso emocional por tipo de escola.

Gráfico 3: Uso do ChatGPT para Fins Emocionais por Tipo de Escola




Quando questionados sobre a facilidade de desabafar, 51,72% dos adolescentes preferem conversar com pessoas reais. No entanto, 27,59% afirmaram que acham mais fácil desabafar com o ChatGPT porque ele não os julga, e 20,69% indicaram que a facilidade depende do assunto.

Gráfico 4: Percepção sobre Facilidade de Desabafar com ChatGPT




## 9. Considerações Finais

Ao longo desta análise, foi explorada as formas de interações entre a inteligência artificial generativa e a sociabilidade digital no contexto do desenvolvimento dos adolescentes. É importante observar que as reflexões analisadas neste trabalho não são totalmente conclusivas, mas sim uma forma de começar a estudar e discutir esse tema. As dinâmicas que existem entre as interações entre humanos e o ChatGPT são diversas e ainda estão evoluindo.

Os dados coletados sustentam a ideia de que a tecnologia pode sim estar se tornando um refúgio emocional significativo. O alto nível de confiança depositado nas respostas da máquina e a parcela de jovens que já a utilizam para desabafar revelam que a IA não é apenas uma ferramenta utilitária, mas um agente de suporte para alguns. A preferência por conversar com o sistema devido à ausência de julgamento demonstra que o ambiente digital oferece uma segurança que os jovens parecem não encontrar com a mesma facilidade em suas relações presenciais ou com outros indivíduos no meio digital, o que corrobora com a Teoria de Turkle sobre a solidão conectada.

A hipótese de que essa interação pode representar uma nova forma de introspecção mostra-se potente, mas não conclusiva. Os resultados indicam que os adolescentes buscam uma validação que é constante e previsível, algo que os dados de uso emocional reforçam. Portanto, embora os dados mostrem que a IA cumpre uma função de alívio imediato, eles também sinalizam o risco de que essa zona de conforto artificial substitui o aprendizado necessário para lidar com as frustrações

e a complexidade da convivência real, validando a preocupação central deste estudo.

**Referências**

AGÊNCIA BRASIL. Jovens avaliam que IA ajuda a reduzir o estresse no estudo. 11 set. 2025

BRUNO, Fernanda; PEDRO, Rosa. Entre aparecer e ser: tecnologia, espetáculo e subjetividade contemporânea. Intexto, Porto Alegre, 2004

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL (CGI.br). Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil: TIC Kids Online Brasil 2024.

GABRIEL, Martha. Inteligência Artificial: do zero a superpoder humano. [Vídeo]. TEDx Talks, 12 fev. 2024.

GABRIEL, Martha. Inteligência artificial: do zero ao metaverso. São Paulo: Atlas, 2022.

MCCARTHY, John; MINSKY, Marvin L.; ROCHESTER, Nathaniel; SHANNON, Claude E. A proposal for the Dartmouth Summer Research Project on Artificial Intelligence. Hanover: Dartmouth College, 1955

MIAN, Dilan. Exploring the role of AI-powered chatbots for teens and young adults with ASD or social anxiety. 2024.

MINDSTATION. Como a internet transforma suas crenças em verdades absolutas e isso está acabando com sua mente, 2025.

OPENAI. Educator FAQ. San Francisco: OpenAI, 2023.

RECUERO, Raquel. Redes sociais na Internet. Porto Alegre: Sulina, 2009

TURKLE, Sherry. Alone together: why we expect more from technology and less from each other. New York: Basic Books, 2011.

COMFILOTEC

**Revista da Graduação da**
**Faculdade Paulus de Comunicação - FAPCOM**
ANO 12 | VOL. 12 | FLUXO CONTÍNUO | 2026 |ISSN: 2446-5569